



## A CONTRIBUIÇÃO DO CONCEITO DE TECNOLOGIA EM FOUCAULT PARA A COMPREENSÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA TEORIA *QUEER*

DIEGO GOUVEIA<sup>1</sup>, RODRIGO BARBOSA<sup>2</sup> E SHEILA BORGES<sup>3</sup>

**RESUMO:** Embora não tenha empreendido uma teorização sobre tecnologia, o filósofo Michel Foucault adotou, em suas pesquisas, o termo especialmente a partir de duas conotações: uma referente às tecnologias do poder e, assim, ao processo de governo das sociedades a partir de suas aplicações, e outra envereda pelas tecnologias de si com a possibilidade de emancipação dos sujeitos. Estudiosos associados à teoria *queer*, como Lauretis (1994) e Preciado (2014a), investiram no emprego do termo para apresentar, respectivamente, os conceitos de tecnologia de gênero e tecnologia do sexo. Aproveitando-se da ambivalência dos usos, Preciado ainda postula a ideia da contrassexualidade como uma biotecnologia. Este artigo problematiza, portanto, como a noção de tecnologia para Foucault contribuiu para a compreensão sobre gênero e sexualidade na teoria *queer*. Para isso, será realizada uma revisão bibliográfica das ideias dos autores e, também, um estudo sobre como o conceito se apresenta para estudiosos em pesquisas *queer*. Por fim, considera-se que a perspectiva foucaultiana de tecnologia auxiliou na compreensão aprofundada das discussões sobre gênero na contemporaneidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tecnologia; Foucault; Tecnologia de Gênero; Tecnologia do Sexo; Teoria Queer.

**ABSTRACT:** Although he did not undertake a theorization on technology, the philosopher Michel Foucault adopted, in his research, the term especially from two connotations: one referring to the technologies of power and, thus, the process of governing societies based on their applications, and another path towards technologies of the self with the possibility of emancipation of subjects. Scholars associated with queer theory, such as Lauretis (1994) and Preciado (2014a), invested in using the term to present, respectively, the concepts of gender technology and sex technology. Taking advantage of the ambivalence of uses, Preciado still postulates the idea of contrasexuality as a biotechnology. This issue, therefore, problematizes how Foucault's notion of technology contributed to the understanding of gender and sexuality in queer theory. To this end, a bibliographical review of the authors' ideas will be carried out and also a study on how the concept is presented to authors of queer research. Finally, it is considered that Foucault's perspective on technology contributed to an in-depth understanding of discussions about gender in contemporary times.

**KEYWORDS:** Technology; Foucault; Gender Technology; Sex Technology; Queer Theory.

<sup>1</sup> Jornalista e professor do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Comunicação pela UFPE. E-mail: diego.moreira@ufpe.br.

<sup>2</sup> Professor do Núcleo de Design e Comunicação do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutor em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB). E-mail: rodrigo.mbarbosa@ufpe.br.

<sup>3</sup> Professora do Núcleo de Design e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: sheila.boliveira@ufpe.br.

## 1 Introdução

As primeiras discussões sobre gênero surgiram especialmente a partir da década de 60 com o avanço do movimento feminista. O conceito de gênero passou a ser usado para se referir ao papel social e cultural do sexo, que ainda era compreendido sob a perspectiva biológica e natural, funcionando como determinante do gênero. Ou seja, “o sexo era a verdade da natureza, como muitos ainda pensam no âmbito do senso comum” (Tiburi, 2016, p. 10). A ordem sexo/gênero era vista de modo natural. Nascer com pênis ou vagina determinava o gênero masculino ou feminino com o qual os sujeitos eram, respectivamente, identificados.

No entanto, a contraposição a esse entendimento já havia sido levantada por Simone de Beauvoir no final dos anos 40, com a famosa frase: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Com essa frase, há uma ruptura na determinação dos gêneros a partir do sexo. Essas ideias constituem pilares que ajudaram a compreender gênero e sexualidade como entendemos hoje em dia.

Os estudos de Michel Foucault, por exemplo, em *História da Sexualidade 1* (2009), trazem outra perspectiva ao explicar o sexo como uma produção do discurso. Para o autor, sexualidade e sexo não seriam verdades em suas essências, mas construções históricas. Ele influencia os estudos de gênero, especialmente com a teoria *queer*, que ganhou corpo a partir dos anos 80.

As ideias de Judith Butler, nos anos 90, com o lançamento de *Problemas de Gênero*, uma referência nos debates *queer*, seguem a linha foucaultiana, rompendo com a ideia da naturalidade do sexo e do gênero, instituindo a questão para uma perspectiva discursiva. Ela considera que gênero não é algo que somos, assim como Beauvoir escreveu, mas algo que fazemos. Não é algo que se “deduz” de um corpo. Butler propõe pensar o gênero como algo fluido, socialmente construído, performado, como um “efeito”.

Não são naturais nem gênero nem sexo. Em vez disso, é a própria nomeação de um corpo, sua designação como macho ou como fêmea, como masculino ou feminino, que “faz” esse corpo. Butler se afasta da ideia de que sexo, gênero e sexualidade existem numa relação necessariamente mútua.

Na teoria *queer*, o gênero é visto como um efeito de discursos. Quando Butler (2016) menciona discurso, ela se refere à definição foucaultiana de “grandes conjuntos de enunciados” que moldam como falamos e percebemos determinados contextos históricos. Assim, falocentrismo e heterossexualidade surgem como condições que definem o gênero em sociedades.

Butler entende o gênero “não como uma essência ou verdade psicológica, mas como um corpo performativo e uma prática discursiva através da qual o sujeito adquire inteligibilidade social e reconhecimento político” (Preciado, 2014a, p. 95). A ideia de performatividade de gênero, para Butler (2016), refere-se à repetição de atos, gestos e desejos que, por meio dos discursos, produzem nos corpos a ilusão de um núcleo interno de gênero, reforçando os modos de ser masculino ou feminino, com o objetivo de consolidar a heterossexualidade obrigatória. Contudo, para Butler, apesar dessas construções, o gênero pode ser moldado de maneiras diversas e subversivas, como no caso das pessoas transgêneras, que não se reconhecem com o gênero designado no nascimento.

O filósofo Paul B. Preciado (2014a, p. 79) vai além, argumentando que o gênero não é apenas performativo, mas também um produto de tecnologias sofisticadas que moldam corpos sexuais. Segundo ele, o gênero é “um sistema complexo de estruturas reguladoras que controlam a relação entre corpos, instrumentos, máquinas e usos”.

Foucault, Butler e Preciado estão vinculados à teoria *queer*, que se distancia do feminismo clássico, de base identitária e essencialista, posicionando-se como uma política pós-identitária. A teoria *queer* aborda culturas sexuais que rompem com normas sociais de comportamento sexual e amoroso (Bentes, 2017).

Louro (2020) nos mostra, em seus estudos, que a palavra *queer* nomeia corpos diferentes, esquisitos, identidades institucionalmente marginalizadas. Ela explica que, ao se fazer presente, o corpo *queer* assombra e desestabiliza as categorias de gênero, ou seja, ao se dar conta das disputas discursivas, esses indivíduos assumem e ocupam um lugar de resistência.

Para Foucault (1999), as lutas e resistências são constituintes do poder e as subjetivações emergem dos conflitos deflagrados na arena social. Na fase genealógica, o autor se debruça sobre o estudo do poder enquanto elemento capaz de explicar como se produzem os saberes e como nos constituímos nessa relação. O autor considera que o poder se exerce em rede e não há como analisá-lo isoladamente, nas mãos de alguns. O público prioritário de um determinado mecanismo de poder não é alvo inerte e apenas consentidor. Esse mesmo público pode ser agente de mecanismos de poder, inclusive, contrários a essa forma de poder ao qual estão submetidos. No campo das discussões de gênero, as batalhas discursivas se dão em torno das instâncias de poder que determinam socialmente as subjetivações possíveis e também da ação dos movimentos de resistência a esse poder.

Apesar de não ter estabelecido uma teoria específica sobre tecnologia, o filósofo Michel Foucault adotou, em seus estudos, o termo especialmente a partir de duas conotações que

tiveram grande influência: uma, ao se referir às tecnologias do poder e o processo de governo das sociedades a partir de suas aplicações, e, outra, ao enveredar pelas tecnologias de si, com a possibilidade de emancipação dos sujeitos.

O conceito de tecnologia em Michel Foucault é essencial para a compreensão dos modos de exercício do poder nas sociedades modernas. Para Foucault, as tecnologias não se limitam a instrumentos técnicos, mas constituem práticas sociais que operam em articulação com instituições, discursos e normas, visando regular e disciplinar indivíduos e populações. Na realidade, as práticas sociais integram as “tecnologias do poder”, que são mecanismos pelos quais o poder se infiltra nos corpos, subjetividades e comportamentos, configurando e moldando a vida social.

A importância do conceito de tecnologia implementado por Foucault pode ser percebida na sua repercussão e apropriação por outros autores, como é o caso de dois autores associados à teoria *queer*, como Lauretis (1994) e Preciado (2014a), que investiram no emprego do termo para apresentar, respectivamente, os conceitos de tecnologia de gênero e tecnologia do sexo. Aproveitando-se da ambivalência dos usos, Preciado ainda postula a ideia de contrassexualidade como uma biotecnologia. A inquietação que despertou o interesse para realização do presente estudo surgiu justamente a partir da aplicação do termo *tecnologia* em conceitos utilizados nos estudos *queer*. Procuramos, então, compreender neste artigo a noção de tecnologia desenvolvida por Foucault ao longo da sua história intelectual e como este conceito contribuiu e foi reapropriado para a compreensão sobre gênero e sexualidade em uma política pós-identitária. Como metodologia, o presente estudo realiza uma revisão bibliográfica das ideias dos autores e, também, uma investigação sobre como o conceito se apresenta para investigadores das pesquisas *queer*. Antes, no entanto, é importante compreender como o filósofo francês abordou o conceito de tecnologia em suas postulações.

## 2 O conceito de tecnologia para Foucault

De acordo com Behrent (2013, p. 55), em um mapeamento dos usos do termo tecnologia nas obras de Michel Foucault, embora o autor nunca tenha abordado diretamente essa questão, essa “é uma palavra que aparece frequentemente nos seus escritos e é, além disso, parte integrante do seu pensamento”<sup>4</sup>. As obras do filósofo francês são compreendidas a partir de três fases: arqueologia, genealogia e cuidado de si. A arqueologia é, mais precisamente, uma análise

---

<sup>4</sup> “‘technology’ is a word that appears frequently in his writing and is, moreover, integral to his thought”. (Behrent, 2013, p. 55). Todas as traduções do texto de Behrent são de nossa autoria.

das condições históricas de possibilidade que fizeram com que em um determinado momento somente certos discursos e não outros tivessem se tornado possíveis. Não se trata tanto de analisar a aparição de novas práticas, mas da sua formação. Na fase genealógica, o autor se debruça sobre o estudo do poder enquanto elemento capaz de explicar como os saberes são produzidos e como nos constituímos nessa relação. A ética do cuidado de si, por sua vez, envolve um conjunto de normas pessoais que o indivíduo estabelece para si mesmo. Isso é feito com base em seus próprios desejos e vontades, resultando em um estilo de vida que leva a uma “estética da existência”.

Na primeira fase de suas investigações, Foucault se referiu pouco a preocupações tecnológicas em relação a períodos posteriores. É com o desenvolvimento de pesquisas sobre o poder, na genealogia, que a tecnologia passa a ganhar mais espaço em sua produção intelectual. Os últimos trabalhos, na fase da ética, também abordam o conceito.

Para compreender o projeto de Foucault em suas diferentes fases ao tratar das tecnologias, é necessário, antes de tudo, estabelecer uma distinção linguística do termo utilizado pelo autor. Em língua francesa há uma distinção clara entre técnica e tecnologia, pelo menos a partir do século XIX. *Technique* estaria muito mais relacionado a indústria e às ferramentas, máquinas, já *technologie* faz referência ao estudo dessas técnicas (Behrent, 2013, p. 55). Segundo Behrent (2013), tal distinção na modernidade caiu em desuso e *technologie* se tornou uma apropriação do termo anglicano *technology*, e a diferença entre os dois termos foi ficando cada vez mais porosa.

Primeiramente, Foucault utiliza o termo no sentido francês de *technique* para se dirigir aos métodos e procedimentos para governar os seres humanos (Behrent, 2013, p. 55). Pouco apareceu de forma mais detalhada em Foucault o uso de técnica para se referenciar às ferramentas, às máquinas ou ao processo de aplicação da ciência na produção industrial, por exemplo. Em grande parte, Foucault usa tanto o termo técnica quanto tecnologia de forma intercambiável, não estabelecendo fronteiras muito rígidas entre os dois termos.

Na literatura sobre o conceito de tecnologia, temos, pelo menos, três definições clássicas. A primeira delas, a mais comum, compreende as tecnologias de uma maneira instrumental, situando-as como ferramentas e máquinas. O segundo sentido vai considerar a tecnologia como um conjunto de regras, ou seja, é mais próximo da ideia de procedimentos metodológicos que permitem uma relação entre meio e fim. Por último, temos a noção das tecnologias configurando um sistema. Val Dusek (2009) cita, para defender essa última noção, o exemplo de um avião no meio de um deserto. O avião, nesse caso, não poderia ser considerado

uma tecnologia, pois não funcionaria como tal. A tecnologia precisa funcionar, estar em uso, para exercer a sua função. Sendo assim, para operar é necessário um conjunto de elementos em consonância, inclusive, o elemento humano para que ela possa funcionar como uma tecnologia.

Behrent (2013) tenta aproximar, de maneira rápida, Foucault de uma perspectiva denominada de “grandes sistemas técnicos” (*large technical systems* ou LTS). A perspectiva do LTS tem como propósito investigar um complexo emaranhado de elementos econômicos, políticos, sociais e técnicos que estão envolvidos nas inúmeras etapas de desenvolvimento de uma determinada tecnologia desde a criação, passando pelo desenvolvimento até a sua difusão nas sociedades. A abordagem da LTS tem como principal representante o historiador Thomas Hughes que, em seu livro clássico *Networks of Power: Electrification in Western Society, 1880-1930*, publicado em 1983, analisa o processo de eletrificação dos Estados Unidos a partir uma rede de documentos, legislações, características técnicas de transformadores, interesses empresariais e governamentais e patentes entre inúmeros outros fatores que estiveram envolvidos na configuração do sistema elétrico americano.

Como descrito aqui, fica implícito que é necessário haver uma discussão sobre os aspectos materiais dos objetos técnicos. Tal elemento figura sem destaque no debate apresentado por Foucault sobre as maneiras pelas quais as relações de poder operam no coletivo e no individual. Dentre os elementos considerados por Foucault estão:

O poder político, antes de atuar sobre a ideologia, sobre a consciência dos indivíduos, exerce-se de forma muito mais física sobre os seus corpos. A forma como os gestos, as atitudes, os usos, as distribuições no espaço e as modalidades de habitação são impostos – esta distribuição física e espacial das pessoas pertence, parece-me, a uma tecnologia política do corpo (Foucault, 1994, p. 523 *apud* Behrent, 2013, p. 83).<sup>5</sup>

Nesse sentido, o que mais se aproxima de uma investigação efetivamente de tecnologias que considere os artefatos são as relações arquitetônicas, como no caso das prisões e dos manicômios, nos quais a estrutura material desses artefatos é considerada dentro de um plano abrangente de uma imposição de poder nas relações, agindo no coletivo e no corpo individual.

Como Foucault compreende as influências das tecnologias? Segundo Behrent (2013), a concepção sobre as tecnologias foi modificando-se conforme o projeto intelectual de Foucault foi desenvolvendo-se ao longo dos anos. Entre 1954 e 1960, por exemplo, Foucault

---

<sup>5</sup> Political power, before acting on ideology, on the consciousness of individuals, exerts itself in a much more physical way on their bodies. The way in which gestures, attitudes, usages, allotments in space, and modalities of housing are imposed – this physical, spatial distribution of people belongs, it seems to me, to a political technology of the body.

compartilhava da crítica dos humanistas em relação à tecnologia, pois percebia a tecnologia moderna como uma das fontes da alienação nas sociedades modernas, em especial com a psicologia sendo aplicada como um tipo de psicologia industrial, que caminhava para uma técnica de controle social.

Foucault compactuava com outros colegas franceses de um ceticismo em relação ao desenvolvimento da sociedade tecnológica moderna pós-Segunda Guerra Mundial. Essa preocupação se destaca nas formas particulares com as quais as tecnologias poderiam ser usadas para objetivos de controle social.

Com a ideia da implementação das tecnologias como um poder capaz de moldar as relações humanas, esperava-se uma posição crítica, por parte de Foucault, mas não é o que acontece. Foucault compreende que as tecnologias podem ser positivas, de modo que “o termo é anunciado como oferecendo uma solução para uma série de limitações anteriormente não reconhecidas na compreensão das relações de poder<sup>6</sup>” (Behrent, 2013, p. 56).

A ambivalência que Behrent (2013) aponta na visão sobre tecnologia de Foucault tem como ponto de destaque a rejeição de Foucault aos argumentos humanistas sobre as tecnologias. Apesar de compartilhar do temor dos seus colegas franceses, Foucault não embarcou na crítica humanista que defendia uma re-humanização das sociedades diante do avanço da tecnologia moderna. Isso permitiu a Foucault compreender as relações de poder em termos tecnológicos, mas sem o pesar da destruição de uma essência humana.

Na fase seguinte, entre 1961 e 1972, período em que Foucault desenvolve o método arqueológico, ele pouco adentra nas questões tecnológicas, articulando, segundo Behrent (2013), uma ideia do lugar do homem no pensamento moderno em meio a um cenário de racionalidade técnica em que ela é utilizada como cálculo e manipulação na esteira da influência de Heidegger.

Essa posição mais crítica acaba desaparecendo na fase seguinte, entre 1973 e 1979. Trata-se do período mais importante para as reflexões de Foucault sobre a tecnologia, não mais a partir do método arqueológico, mas, agora, a partir do método genealógico desenvolvido por ele. É nesse período que Foucault elabora os conceitos de *tecnologias do poder* e de *tecnologia política do corpo*. As tecnologias aqui aparecem na ideia de que o poder, ao mesmo tempo, estimula e cria, em vez de simplesmente reprimir e proibir.

---

<sup>6</sup>“(…) in which the term is heralded as offering a solution to a number of previously unacknowledged limitations in understanding power relations.”

Entre 1980 e 1984, novamente o foco de Foucault muda do poder para a exploração do eu, mas a referência à tecnologia persiste. Agora, contudo, sob a perspectiva das tecnologias de si. Mesmo com essas mudanças, Foucault não retornou ao uso dos conceitos e ideias do pensamento humanista. A originalidade da visão sobre tecnologia de Foucault, reside, segundo Behrent (2013), no fato de ele realizar uma crítica à tecnologia como ferramenta de dominação, sem se aproximar da perspectiva humanista.

Tal compreensão sobre as tecnologias permitiu, de acordo com Castro (2009, p. 412), o uso da expressão *tecnologia* para “estabelecer uma análise do poder (a disciplina e o biopoder)”. Nos estudos de Foucault, uma análise das relações de poder ao longo da história só pode ser realizada, portanto, a partir das tecnologias de poder e sua influência no governo da sociedade e dos corpos.

A noção de governo em Foucault aparece em sua fase genealógica. Nas aulas de *Em defesa da sociedade*, o filósofo francês (1999) apresenta métodos para entender os efeitos do poder ao longo da história. O pesquisador estabelece novas noções para o estudo das relações de força e da dominação existentes na sociedade. Um olhar atento sobre as obras do autor revela que não há um desmerecimento do poder. Pelo contrário, fala-se sobre a importância do poder e, também, como as instâncias hegemônicas corroboram para a formação de micropoderes que estão o tempo todo atuando como contraponto às instâncias de macropoder (Foucault, 2001).

O filósofo chama atenção, ainda, para o fato de que o público prioritário de um determinado mecanismo de poder não é alvo inerte e apenas consentidor. Isso porque esse mesmo público pode ser agente de mecanismos de poder contrários, inclusive, à forma de poder ao qual estão submetidos.

É nessa época que Foucault inaugura o uso do termo *tecnologia*, referindo-se frequentemente a *tecnologias de poder* e a *tecnologia política do corpo*. *Em defesa da sociedade* trata dos modos com os quais o poder era exercido no século XVII e XVIII, mostrando o aparecimento de uma nova dinâmica de poder que incide sobre os corpos e sobre o que eles fazem, mais do que sobre a terra e sobre o seu produto. Assim, o autor define duas formas de poder: o poder disciplinar, que atua no nível individual como uma tecnologia política do corpo, e o biopoder, que opera na população. O primeiro se aplica ao corpo por meio de técnicas das instituições punitivas, enquanto o segundo se exerce sobre a população, a vida e os seres vivos. O biopoder é, para o filósofo (1999), um mecanismo de poder que permite extrair do corpo tempo e trabalho mais do que bens e riquezas. Tem como objetivo gerenciar e otimizar a vida. Esse tipo de poder se opõe à mecânica de poder que a teoria da soberania descrevia.

Na teoria da soberania, o autor mostra as técnicas de poder centradas no corpo individual. Foucault (1999) fala sobre as técnicas criadas, nos séculos XVII e XVIII, para aumentar a força útil de trabalho dos corpos a partir de treinamentos e exercícios. Na segunda metade do século XVIII, o pesquisador constata o aparecimento de algo novo, outra tecnologia do poder que não exclui o poder disciplinar, que não se resume aos corpos, mas que se refere a uma “massa global”. Essa tecnologia do poder usa os mesmos métodos do poder disciplinar, contudo passa a se interessar pelo homem-espécie e não mais pelo homem-corpo.

Dessa forma, o estudioso passa para a segunda forma de poder, denominada de biopoder. De acordo com Lazzarato (2014, p. 73-74), o biopoder é endereçado a uma multiplicidade qualquer.

As técnicas disciplinares transformam os corpos, ao passo que as tecnologias biopolíticas se dirigem a uma multiplicidade enquanto massa global, investida de processos coletivos específicos da vida, como o nascimento, a morte, a produção, a doença. As técnicas disciplinares conhecem apenas o corpo e o indivíduo, enquanto o biopoder visa à população, ao homem enquanto espécie e, no limite, como Foucault vai dizer em um de seus cursos, o homem enquanto mente.

A biopolítica lida com a população e não mais com os corpos.

O termo “biopolítica” foi forjado por Foucault para designar uma das modalidades de exercício do poder sobre a vida, vigentes desde o século XVIII. Centrada prioritariamente nos mecanismos do ser vivo e nos processos biológicos, a biopolítica tem por objeto a população, isto é, uma massa global afetada por processos de conjunto. Biopolítica designa essa entrada do corpo e da vida, bem como de seus mecanismos, no domínio dos cálculos explícitos do poder, fazendo do poder-saber um agente de transformação da vida humana (Pelbart, 2011, p. 24).

Na biopolítica, são usados mecanismos regulamentadores da população. Entretanto, os mecanismos regulamentadores e disciplinadores agem conjuntamente. Nesse ponto, percebe-se a possibilidade de haver sobreposição do poder disciplinar com o biopoder (Foucault, 1999).

Na teoria da soberania, há uma relação de singularidade, de exterioridade e de transcendência em relação ao principado, visto que ele é recebido por herança, aquisição e conquista. O objetivo do governo é manter, reforçar e proteger esse principado, diferente do que acontece com a ideia de gestão da população. Ela aparece como sujeito de necessidades, de aspirações, mas também como objeto nas mãos do governo. Com a necessidade de ter poder sobre a população, o governo surge para atender adequadamente demandas da vida em sociedade. Foucault (2008) diz que no caso da teoria do governo não se trata de impor uma lei

aos homens da forma que havia na teoria soberana, mas de utilizar mais táticas do que leis ou utilizar ao máximo as leis como táticas.

Depois, ainda conforme Castro (2009), Foucault estendeu o uso do termo tecnologia ao estudo da ética. Nessa época, como explica Behrent (2013), o foco de Foucault mudou do conceito de poder para o da investigação da individualidade, assim ele passa a utilizar o termo “tecnologias de si”. Para Foucault (2010), a tecnologia de si implica uma conversão do olhar do exterior, dos outros, do mundo, etc. para si mesmo. As tecnologias de si são um conceito central na sua análise sobre o poder e a subjetividade. Elas referem-se às práticas e técnicas por meio das quais os indivíduos moldam e transformam a si mesmos, buscando alcançar um certo tipo de autocontrole e autoaperfeiçoamento.

Foucault (2010) traça, então, a evolução dessas práticas desde a antiguidade até a modernidade, analisando como as diferentes épocas e culturas entenderam e aplicaram técnicas de autocuidado. Ele observa que, em diferentes períodos históricos, as formas de cuidado de si mudaram, refletindo as transformações nas normas sociais e nas relações de poder.

O filósofo francês vê as tecnologias de si como um campo no qual a ética e a estética se encontram. As práticas de autocuidado envolvem não apenas decisões práticas, mas também escolhas sobre como viver a vida de uma maneira que seja estética e moralmente satisfatória para o indivíduo.

Embora Foucault tenha mudado o foco para as tecnologias de si, ele não abandonou a ideia de poder. Em vez disso, ele sugere que as tecnologias de si são um campo em que poder e conhecimento se inter-relacionam. A maneira como os indivíduos se cuidam e se formam também está imbricada nas estruturas de poder e conhecimento que moldam as práticas sociais.

Empregada dessa forma no pensamento foucaultiano, Behrent (2013, p. 56) considera que

a “tecnologia” assume uma valência neutra e até potencialmente positiva, indicando uma metodologia crítica que analisa como o poder molda a conduta humana, em vez da sua articulação em códigos legais. Desta forma, o pensamento de Foucault é permeado por uma tensão entre um uso negativo do termo ‘tecnologia’ – visto como uma forma de controle social e político que deveria ser objeto de crítica – e um uso distintamente positivo – em que o termo é anunciado como oferecendo uma solução para uma série de limitações anteriormente não reconhecidas na compreensão das relações de poder<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> “(...) technology’ assumes a neutral and even a potentially positive valence, indicating a critical methodology that analyzes how power shapes human conduct rather than its articulation in legal codes. In this way, Foucault’s thought is permeated by a tension between a negative use of the term ‘technology’ – seen as a form of social and

Essa ambivalência no pensamento de Foucault em relação ao emprego do termo tecnologia se manifesta nas apropriações que outros autores fizeram do termo, como veremos na sequência a partir de estudiosos da teoria *queer*.

### 3 Tecnologia de gênero em referência às tecnologias do poder

Teresa de Lauretis (1994, p. 228) afirma que diferentes tecnologias sociais produzem o que se entende por gênero. Assim, de acordo com ela, a construção do gênero acontece na mídia, nas escolas, nos tribunais, na família. O interesse da pesquisadora é compreender não apenas o modo pelo qual a representação de gênero é construída na tecnologia, mas também como ela é subjetivamente absorvida por cada pessoa a que se dirige.

[...] a construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero (p. ex., o cinema) e discursos institucionais (p. ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e "implantar" representações de gênero.

É importante destacar que o conceito proposto por Lauretis deriva dos postulados de Michel Foucault sobre dispositivo. A tecnologia de gênero opera como um dispositivo, produzindo subjetivações. Bentes (2017, p. 96) afirma que “[...] tanto o sexo quanto o gênero e a sexualidade são apresentados como efeitos de dispositivos no interior de um sistema tecnológico e sociopolítico complexo que trabalha por dualidades (homem e mulher, homossexual e heterossexual)”.

Behrent (2013, p. 88) considera que a noção de dispositivo “é consistente com a sua atitude apreensiva em relação à tecnologia, como um processo para organizar, racionalizar e manipular indivíduos e seus corpos”. De acordo com o filósofo, a regência das atividades da população é realizada a partir da estruturação de dispositivos, ou seja, o governo é exercido a partir de dispositivos. Com relação à noção de dispositivo, afirma Foucault (2001, p. 138):

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.

Há, em Foucault, na conceituação do termo, a ideia de que existe um fim estratégico em funcionamento como matriz de um dispositivo. Dois filósofos operaram com o conceito

---

political control that should be subject to critique – and a distinctly positive one – in which the term is heralded as offering a solution to a number of previously unacknowledged limitations in understanding power relations”.

foucaultiano de dispositivo e contribuíram para discussões sobre o termo. Trata-se de Gilles Deleuze e Giorgio Agamben, pensadores que trouxeram elucidações importantes para compreensão do pensamento foucaultiano. Deleuze, em uma perspectiva complementar, e Agamben, circunscrevendo mais. A partir de análises mais abrangentes da obra de Michel Foucault (não se resumindo a observá-las sob o crivo do poder), Deleuze (1990) afirma que o dispositivo é um conceito operatório multilinear, que está alicerçado em três grandes eixos: saber, poder e subjetivação. O autor afirma que os dispositivos são máquinas de fazer ver e fazer falar.

É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do atual. A história é o arquivo, é a configuração do que somos e deixamos de ser, enquanto o atual é o esboço daquilo em que vamos nos tornando (Deleuze, 1990).

Com Deleuze, a noção de dispositivo aproxima-se da ideia de modos de existência. “Pertencemos a certos dispositivos e neles agimos” (Deleuze, 1990). Para Deleuze, os dispositivos engendram formas de viver. Essa noção, como veremos, aproxima-se das ideias de Agamben na compreensão sobre dispositivo.

De acordo com Agamben (2009, p. 32), Foucault toma o termo para compreender “o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras que se concretizam nas relações de poder”. Agamben, a partir do pensamento do filósofo francês, descreve o dispositivo como sendo “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (Agamben, 2009, p. 40). O dispositivo seria a operação por meio da qual se administra e se governa o mundo das criaturas, por isso deve sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, deve produzir o seu sujeito (Agamben, 2009).

É importante compreender também a distinção, ainda que sutil, entre o conceito de tecnologia e o de dispositivo. A tecnologia refere-se a práticas e métodos específicos por meio dos quais o poder é exercido e a vida é, por sua vez, gerida e regulada. Trata-se de um conceito que se concentra principalmente em técnicas e procedimentos operacionais. Já o dispositivo, compreende um conjunto mais amplo e integrado de elementos — que inclui práticas, instituições, discursos e normas — que formam uma rede que molda as dinâmicas de poder e a produção de conhecimento. Assim, enquanto a tecnologia constitui uma parte do dispositivo, este abrange uma gama mais extensa de fatores e relações que, em sua interação, exercem influência sobre a sociedade e os indivíduos.

Nesse ponto, identificamos o eixo que reúne as especificidades das definições de cada um dos filósofos (Foucault, Deleuze e Agamben) para o conceito de dispositivo. Trata-se do processo de subjetivação, que é, por sua vez, o que se observa com a atuação das tecnologias de gênero propostas por Teresa de Lauretis (1994). A autora emprega o termo na concepção de tecnologia foucaultiana ligada ao governo das sociedades. No conceito apresentado pela autora, meios de comunicação estabelecem modos de se compreender gênero e sexualidade. Preciado também usa o termo tecnologia em uma acepção ligada ao governo dos corpos sexuais.

### 3 Tecnologia do sexo

Preciado (2014a, p. 25) aponta o sexo como uma tecnologia biopolítica.

O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros (masculino/feminino), fazendo coincidir certos afectos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas.

Ao analisar o sexo como tecnologia biopolítica, o autor o compara a um “sistema complexo de estruturas reguladoras que controlam a relação entre os corpos, os instrumentos, as máquinas, os usos e os usuários” (2014a, p. 79). A tecnologia sexual é definida pelo autor como “uma espécie de mesa de operações abstrata na qual se leva a cabo o recorte de certas zonas corporais como órgãos (sexuais ou não, reprodutivos ou não, perceptivos ou não etc.) [...]” (Preciado, 2014a, p. 127).

Preciado (2014a) explica, então, a ideia de que o sexo é tecnológico. Para ele, a tecnologia se renova constantemente em detrimento do sistema sexo/gênero que, mesmo com as discussões sobre sua naturalidade colocadas em xeque, continua sendo descrito como uma estrutura estável. O autor diz que o termo tecnologia significa “ofício e arte de fabricar” (Preciado, 2014a, p. 147), colocando em funcionamento oposições binárias como natural/artificial, órgão/máquina, primitivo/moderno. Para o pesquisador, as oposições binárias estão, então, em polos opostos, o corpo vivo e a máquina inanimada.

O esforço das análises de Preciado (2014a) é mostrar que essas categorias constitutivas da oposição binária são codependentes. A partir de Haraway, Preciado demonstra que a própria definição de humanidade depende da noção de tecnologia. Ele explica que o humano se define como animal que utiliza instrumentos por oposição a outros seres. Assim, Preciado revela como a tecnologia foi empregada nas narrativas colonialistas e masculinas como suporte a uma narrativa dos colonizadores que dominam os colonizados, em função do grau de cultura

tecnológica que detêm, e os homens, que são associados, na antropologia clássica, à tecnologia, enquanto as mulheres, à natureza. Até os estudos de Haraway, as tecnologias do sexo eram associadas a formas de reprodução. Com a autora, elas passam a ser observadas como catalizadoras das diferenças sexuais. Daí, Preciado recorre a Foucault (2014a, p. 154).

A força da noção foucaultiana de tecnologia reside em escapar à compreensão redutora da técnica como um conjunto de objetos, instrumentos, máquinas ou outros artefatos, assim como em escapar à redução da tecnologia do sexo às tecnologias implicadas no controle da reprodução sexual. Para Foucault, uma técnica é um dispositivo complexo de poder e de saber que integra os instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade.

Para Preciado (2014a, p. 158), compreender o sexo e o gênero como tecnologias permite remover a falsa contradição entre essencialismo e construtivismo.

A nova biotecnologia está ancorada, trabalha simultaneamente sobre os corpos e sobre as estruturas sociais que controlam e regulam a variabilidade cultural. De fato, é impossível estabelecer onde terminam os “corpos naturais” e onde começam as “tecnologias artificiais”: os ciberimplantes, os hormônios, os transplantes de órgãos, a gestão do sistema imunológico humano no HIV, a web etc. são apenas alguns exemplos entre outros.

Nessa perspectiva, o biopoder faculta a existência do sexo e do gênero, que dependem da tecnologia do sexo para existir. O autor propõe que o sexo e o gênero "deveriam ser considerados como formas de incorporação próstética que se fazem passar por naturais" (Preciado, 2014a, p. 166). Por isso, investe no termo tecnologia do sexo como responsável pela constituição de corpos sexuais na sociedade de forma semelhante ao proposto por Lauretis.

No entanto, Preciado amplia a discussão ao propor formas emancipadoras de constituição de gênero e sexo.

O que é preciso fazer é sacudir as tecnologias da escritura do sexo e do gênero, assim como suas instituições. Não se trata de substituir certos termos por outros. Não se trata nem mesmo de se desfazer das marcas de gênero ou das referências à heterossexualidade, mas sim de modificar as posições de enunciação (Preciado, 2014a, p. 27).

E é isso que ele consegue fazer com a conceituação de contrassexualidade e de sexopolítica.

#### 4 Sexopolítica como tecnologia de si

Preciado (2014a) apresenta, então, os conceitos de *contrassexualidade* e *sexopolítica* como recursos que rompem com a ordem de opressão e sujeição dos corpos. Conceitos que colocam a possibilidade de uma tecnologia de si e que implicam a reflexão sobre os modos de vida, a eleição da existência, a maneira de regular a conduta, de fixar para si mesmo os fins e os meios. A partir do conceito de contrassexualidade, vemos, segundo Bentes (2017, p. 96), que

[...] tanto o sexo quanto o gênero e a sexualidade são apresentados como efeitos de dispositivos no interior de um sistema tecnológico e sociopolítico complexo que trabalha por dualidades (homem e mulher, homossexual e heterossexual), e mesmo categorias como a de transexual são produtos, efeitos, usos e desvios que incidem sobre os corpos.

No livro *Manifesto Contrassexual* (2014a), Preciado afirma a possibilidade de os corpos não se reconhecerem mais como homens ou mulheres, mas de poderem reivindicar as sexualidades que quiserem. Para Preciado (2014a), as práticas contrassexuais devem ser compreendidas como tecnologias de resistência e como forma de contradisciplina sexual.

A sexopolítica, por sua vez, seria uma forma de ação biopolítica que passa a ser dominante no capitalismo contemporâneo, especialmente a partir ou após 1950, com a ruptura do regime disciplinar do sexo. A sexopolítica “dobra” a própria noção de biopolítica foucaultiana, compreendendo os corpos e as identidades dos anormais como potências políticas, como o que existe para romper os padrões, diferente da biopolítica, que está ligada a esses padrões (Rosa, 2016). Trata de corpos que efetuam a profanação da monotonia das conexões binárias e de uma suposta correspondência entre sexo, gênero e orientação sexual (Preciado, 2014b).

Preciado, assim como o faz Pelbart (2011), atualiza o conceito de biopolítica em consonância com um grupo de teóricos (grande parte da Itália), que propuseram uma versão conceitual e política no uso do termo. “A biopolítica deixa de ser prioritariamente a perspectiva do poder e de sua racionalidade refletida tendo por objeto passivo o corpo da população e suas condições de reprodução, sua vida” (Preciado, 2014b, p. 24). A ideia se aproxima da definição, trazida por Deleuze, que vai falar sobre a biopolítica não mais numa perspectiva do poder sobre a vida, mas como a potência da vida com suas variações de forma, mostrando claramente a força da população enquanto poder que pode contestar as instâncias superiores. Como Peter Pál Pelbart (2011) afirma na análise que faz sobre a biopolítica, Foucault já previa que se o poder investia na vida, ela seria o que daria base de resistência ao poder.

Com essas noções de Preciado, a teoria *queer* aproveita-se do discurso sobre tecnologia a partir de Foucault e apresenta esse momento de transição entre tecnologias de assujeitamento e a emergência de políticas de resistência.

Para Foucault, a estética da existência é um resultado do cuidado de si, esse trabalho sobre si mesmo que produz vidas-linguagens, modos de vida, momentos de liberdade, regras de existência distintas dos padrões e normas sociais. Longe de estarmos falando de uma interiorização ou mergulho nas profundidades do eu, as noções de cuidado de si e estética da existência em Foucault nos parecem próprias de outras acepções contemporâneas que descrevem o sujeito enredado em tramas de relações, redes de significações, agentes, dispositivos. O sujeito emerge como efeito, constituído na e pela linguagem (Bentes, 2017, p. 95).

Essas possibilidades estão alinhadas com o conceito de regime farmacopornográfico de Preciado, e com a estética da existência, de Foucault, ao tratarem da criação de gêneros híbridos, ficcionais, de sexualidades não normativas e performáticas. Elas utilizam procedimentos de linguagem e estéticos que desafiam tanto os discursos teóricos quanto o senso comum essencialista, que enxerga o gênero e a sexualidade como algo fixo e natural. Preciado (2014b) discute uma sociedade “farmacopornográfica”, na qual o controle opera em fluxos e modulações, caracterizado por um tipo de controle “mole”, baseado em agenciamentos e redes, em contraste com o controle rígido e disciplinar (Bentes, 2017).

Para Preciado, a fármaco-pornografia é assim uma espécie de radicalização das forças de assujeitamento e potência presentes nas teorias foucaultianas do biopoder e seus desdobramentos: a biopolítica e as formas de resistência, o tecnobiopoder tal qual definido por Donna Haraway (1991), que em Preciado vão constituir um tecnocorpo conectado em redes. Trata-se da gestão planetária, fármaco-pornográfica dos corpos excitados no máximo da sua potência ou até à exaustão (Bentes, 2017, p. 104-105).

A farmacopornografia, nesse sentido, é entendida como uma biotecnologia, uma tecnologia que não apenas regula o corpo, mas também produz e molda o gênero, rompendo com as noções fixas e naturalizadas de identidade sexual. Ela cria novas formas de subjetividade, colocando o corpo em um campo de experimentação constante, no qual gênero e sexualidade são sempre performados e nunca fixos.

Isso nos remete novamente à compreensão ambivalente de Foucault em relação às tecnologias. Elas não servem apenas ao propósito do poder de regular e governar a sociedade e

os corpos, mas ainda podem ser apropriadas pelos indivíduos no processo de assujeitamento, como tecnologias de si.

## 5 Considerações finais

As considerações finais deste artigo buscam destacar a relevância da noção de tecnologia em Michel Foucault para a compreensão das discussões sobre gênero e sexualidade no contexto de uma política pós-identitária. A partir da análise foucaultiana, a tecnologia não se limita aos dispositivos materiais, mas envolve também as técnicas de poder e saber que moldam os sujeitos e as subjetividades.

Foucault não concebia as tecnologias como neutras. Para ele, elas não se limitam a ser instrumentos desprovidos de valores, mas integram uma rede de poder que configura e regula a vida dos indivíduos e da sociedade. Foucault considerava as tecnologias como mecanismos pelos quais o poder é exercido, destacando que elas estão inseridas em práticas discursivas e institucionais que influenciam comportamentos, subjetividades e relações de poder. Apesar de Foucault ser contra a noção de uma neutralidade tecnológica, isso não o fez cair no argumento corriqueiro de uma defesa essencialista da humanidade contra o desenvolvimento de uma sociedade tecnológica.

Nesse sentido, a abordagem de Foucault oferece uma importante ferramenta para questionar as formas de normatização que operam sobre corpos e desejos, revelando como essas dinâmicas são construídas e mantidas por meio de tecnologias sociais.

Ao problematizar gênero e sexualidade a partir de Foucault, o artigo demonstra que essas categorias não são fixas ou naturais, mas produtos de discursos e práticas que operam de maneiras complexas, especialmente no cenário contemporâneo, que desafia as noções tradicionais de identidade e pertencimento. A perspectiva foucaultiana permite compreender como os regimes de poder e saber, em constante transformação, operam na construção das subjetividades de gênero, oferecendo ideias para resistir e subverter essas normativas.

Conclui-se que a contribuição foucaultiana sobre a noção de tecnologia proporciona um olhar crítico e aprofundado sobre as relações de poder que atravessam as discussões sobre gênero na contemporaneidade. Essa análise permite não só uma crítica das normatividades impostas, mas também abre espaço para novas formas de subjetivação, mais fluidas e menos sujeitas às estruturas tradicionais de poder. Assim, a perspectiva de Foucault continua a ser fundamental para as reflexões sobre gênero e sexualidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BEHRENT, Michael C. Foucault and Technology. *History and Technology: An International Journal*, v. 29, n. 1, p. 54-104, mai. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/07341512.2013.780351>. Acesso em: 13 set. 2024.
- BENTES, Ivana. Biopolítica feminista e estéticas subversivas. *Matrizes*, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 93-109, mai-ago. 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/133380>. Acesso em: 13 set. 2024.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
- CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*. Belo Horizonte: Audiência, 2009.
- DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? In: DELEUZE, Gilles. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990.
- DUSEK, V. *Filosofia da Tecnologia*. São Paulo: Loyola, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 16. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território e População*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 572 p.
- FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. 19 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. “Prisons et asiles dans le mécanisme du pouvoir”. In: *Dits et Ecrits*, t. II. Paris: Gallimard, 1994, pp. 523-4
- LAURETIS, Teresa De. A tecnologia do gênero. Tradução de Suzana Funck. In: HOLLANDA, Heloisa (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- LAZZARATO, Maurizio. *Signos, Máquinas, Subjetividades*. São Paulo: Edições Sesc: n-1 edições, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. São Paulo: Autêntica, 2020.
- PELBART, Peter Pál. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2011. 252.
- PRECIADO, Beatriz. *Manifesto Contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014, 223 p.
- PRECIADO, Beatriz. Historia de la tecnossexualidad. In: PRECIADO, Beatriz. *Testo Yonqui: sexo, drogas y biopolítica*. Buenos Aires: Paidós, 2014,b.
- ROSA, Susel Oliveira da. Entre a biopolítica e a sexopolítica. In: RESENDE, Haroldo de. (org.). *Michel Foucault: política – pensamento e ação*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- TIBURI, Marcia. Judith Butler: feminismo como provocação. In: *Cult*, São Paulo, ano 19, jan. 2016. p. 8-11.